

DOMINGO — 12 DE ABRIL DE 1987

Notas e informações

A Constituinte patrulhada

Ao centro democrático só resta a alternativa de assumir abertamente sua identidade ideológica. Se não o fizer, desaparecerá, peça por peça, diante do planejado assalto das esquerdas, radicais ou não, aos postos de comando do Estado. Não é de hoje que alertamos a Nação para esse risco: já o dissemos claramente, mostrando a influência que o chamado segundo escalão vêm exercendo no processo de tomada de decisões; já o repetimos, ao assinalar o *estilo soviético* embutido em muitas providências do Executivo, que faz suas várias sugestões da sociedade, mas se volta contra a livre empresa e o princípio da liberdade, mediante o recurso da forma jurídica em que são vazados os decretos e decretos-leis. Agora, é preciso atentar para o perigo maior: os relatores da maioria das comissões incumbidas da tarefa de realizar a primeira redação da futura Constituição exibem-se em grande parte como constituintes de centro-esquerda, sendo na verdade, muitos deles, defensores de posições reconhecidamente contrárias às normas do regime econômico, social e jurídico sobre as quais os brasileiros edificaram seu estilo de vida.

O senador Mário Covas é responsável em boa medida, senão totalmente, por essa situação. Eleito com a esmagadora e consagrada votação de oito milhões de sufrágios, e depois conduzido à liderança de seu partido na Constituinte, derrotando o candidato do até então imbatível Ulysses Guimarães, contribuiu, pelos acordos que fez, para que as posições-chaves nas comissões fossem ter às mãos daqueles que podem representar (como de fato representam) parcela da opinião pública brasileira, mas não a maioria dela. Ou o senador de Santos imagina que os oito milhões de brasileiros que sufragaram seu nome em São Paulo são todos de centro-esquerda, ou mesmo de esquerda?

O efeito inebriante das vitórias espetaculosas levou o sr. Mário Covas a perder o sentido de realidade que sempre o distinguiu em sua carreira política. Apenas isso explica por que se esqueceu tão rapidamente de que a maioria do eleitorado brasileiro é democrática, de centro, e deseja que a futura Constituição espelhe a sua maneira de ver as coisas e seu estilo de vida. Apenas essa obnubilação (que esperamos seja tem-

porária) explica o fato de ter se excedido à pressão das "patrulhas" que a esquerda lança todos os dias no Congresso e em outras partes com o objetivo de constringer aqueles deputados que defendem posições contrárias à da minoria agressiva do PMDB e dos deputados do PT, do PCB e do PC do B. A eficácia do trabalho dessas "patrulhas" pode ser atestada por quantos circulam pelo Congresso e vêem como se registram, discreta mas eficientemente, os nomes daqueles que se identificam com as posições mais marcadamente liberais, ou então não escondem (como alguns próceres ilustres do PMDB, hoje adorando a classificação de centro-esquerda) o fato de terem servido como ministros os governos anteriores. Aliás, se o fato de ter servido ao regime autoritário fosse fator excludente, quantas cadeiras vazias haveria no Congresso e quantos cargos estariam vagos na Novíssima República...

O senador Mário Covas foi hábil e a liderança do PFL, desejando a qualquer custo ocupar posições, concordou com ele que os relatores das comissões seriam escolhidos pelo partido majoritário. Com isso, o pêndulo oscilou para a esquerda — quando na realidade deveria estar no meio do relógio político, pois o centro é a maioria da Constituinte. Maioria, diga-se, que teme ser chamada de *centro-direita*, ou então de *direita*. Ora, quando um democrata tem tal receio, pois a denominação pode ser confundida com "direitista", "fascista", ou o que valha, as esquerdas já andaram meio caminho no rumo de seu objetivo: inscrever na futura Carta Magna os princípios que desejam — na forma do *estilo soviético* a que nos referimos.

A ocupação dos cargos de relatores é importante na luta ideológica que se irá travar daqui para a frente. É luta ideológica, e de nada adianta tergiversar sobre esse fato. Os que, eleitos pelo centro e tendo suas raízes existenciais no centro, se demitem de suas responsabilidades e sucumbem às pressões das "patrulhas" da esquerda devem ter isso em mente. Devem refletir sobre o problema, porque, apesar de a função de relator de comissão ser estrategicamente importante, ela não decide por si o em-

Na verdade, por mais que os relatores tenham poderes, será sempre o plenário das comissões que decidirá — e, finalmente, será o plenário da Assembléia Nacional Constituinte que votará o texto final. Tendo isso em mente, a articulação do centro democrático, vencendo as "patrulhas", é mais do que nunca indispensável. Ou será que consentirão em alterar as normas que regem o direito de propriedade apenas pelo receio de, durante alguns meses, serem atacados pela "banda de música" da esquerda, que investirá contra os deputados que interpretaram corretamente o mandato que receberam, tachando-os de "direitistas"? Ou será que, por idêntico motivo, permitirão que se criem impedimentos à abertura do mercado brasileiro ao capital estrangeiro? Ou deixarão que se feche ainda mais o já constringido mercado para a informática? Ou permitirão que se criem tais normas para regulamentar a concessão de canais de televisão e de rádio, a fim de que o Estado e meia dúzia de organizações dadas como representantes da sociedade civil possam impor sua diretriz ideológica ao País daqui para a frente?

O sr. Mário Covas tem plena consciência do que vale a articulação e dos limites dentro dos quais lhe era possível atender ao envolvimento da esquerda. Por isso, preferiu indicar para relator da Comissão de Garantia das Instituições, que cuida da definição das funções constitucionais das Forças Armadas, o sr. Prisco Viana, que formará par com o senador Jarbas Passarinho, presidente. Nenhum dos que defendiam teses contrárias ao pensamento dos Altos Comandos conseguiu dobrar a sabedoria do líder do PMDB na Constituinte; afinal, quando se trata de relações de força, prevalece o bom senso. No que se refere à ordenação jurídica da sociedade, no entanto, a relação de forças favorece a esquerda porque o centro, que é majoritário, está desorganizado e não se habilita a organizar-se por temor de ser "patrulhado".

Diante disso, não seria de estranhar que a possibilidade de vir o *estilo soviético* a impor-se começasse a converter-se em probabilidade, por obra da ação pertinaz das "patrulhas" sobre uma Constituinte centrista, cujos membros se recusam a assumir sua identidade.